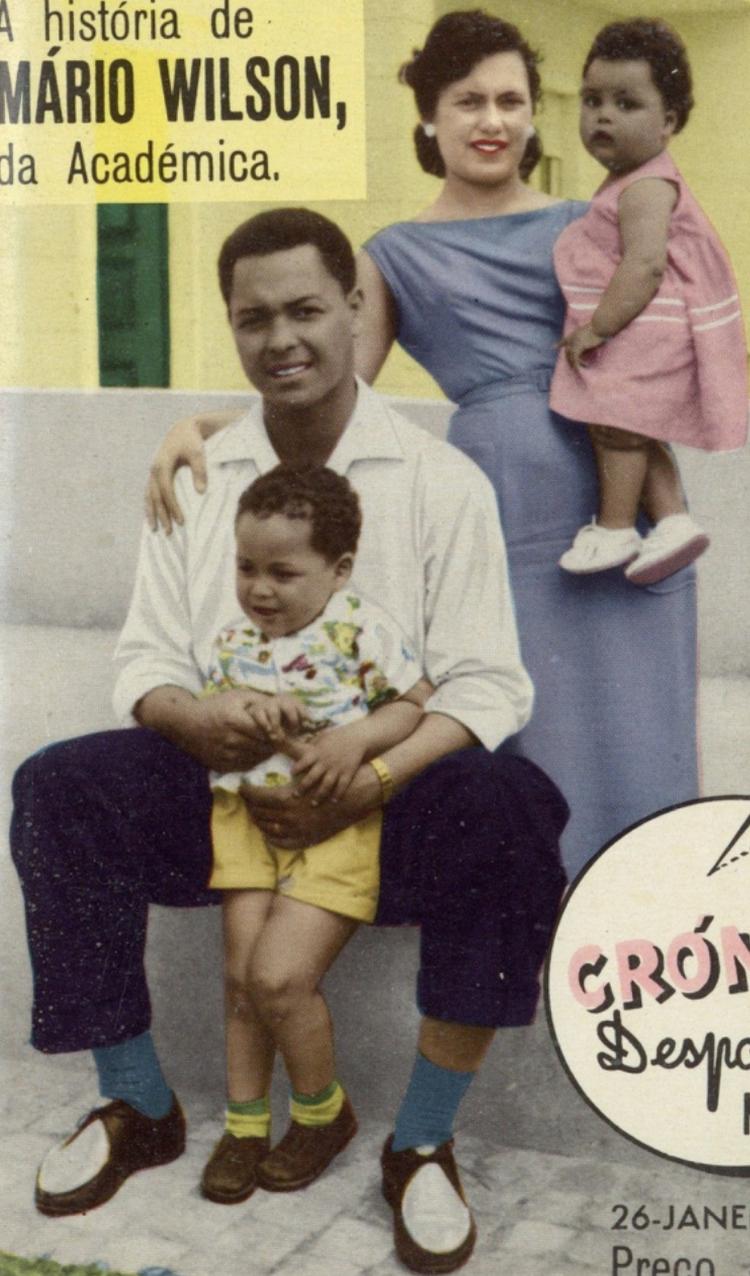


NESTE NÚMERO:

A história de
MÁRIO WILSON,
da Acadêmica.



CRÔNICA
Desportiva
N. 42

26-JANEIRO-1958
Preço - 1\$50

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 42 — 26-1-1958

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR

& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

Como treinam os ases DO FUTEBOL



Como treinam os «ases» do futebol? Koppa, por exemplo — considerado o «príncipe do futebol»?

Quase que poderíamos garantir que treinam como os demais jogadores. Talvez em tempos tivessem os seus métodos pessoais. Certamente perderam muitas horas (melhor dizendo: «ganharam» muitas horas...) em treinos individuais, exercitando-se no mais perfeito domínio do esférico. A paragem da bola, o drible, o passe, o remate — toda essa mecânica que consagra um futebolista, elevando-o aos pináculos da fama, tudo isso terá sido ensaiado milhares de vezes.

Mas não se pense que isso baste. Depois de adquirida a bagagem técnica, há que conservá-la, ou mesmo enriquecê-la incessantemente. Só o treino persistente permite manter a perfeita «forma».

Koppa treina como tantos outros. Simplesmente, será o mais exímio de todos...

Seguindo o exemplo deste «ás» — tal como mostram as fotos inéditas que apresentamos — persistentemente, consagrando à preparação todo o entusiasmo e aplicação, qualquer jogador de futebol, salvo se lhe escassearem faculdades físicas, atingirá um nível técnico razoável, pelo menos.

Porque o óptimo — o virtuosismo de um Koppa — não se aprende. Nasce com a pessoa...



F. C. PORTO, 1 — ORIENTAL 6!

Ainda que pareça impossível, o Oriental já ganhou ao F. C. Porto, no campo deste, por 6-1!

Aproveitando uma paragem das provas nacionais, por motivo do jogo Lisboa-Paris, o Oriental, alguns meses depois da sua fundação, visitou a capital do Norte, para efectuar um jogo amistososo com o F. C. Porto e consequentemente fazer ali a apresentação da sua novel equipa.

Com grande espanto geral, o Oriental venceu com toda a naturalidade um grupo em tarde de fraca ou nenhuma inspiração.

Eis as linhas e marcadores dessa curiosa partida:
F. C. Porto — Valongo; Alfredo e Guilhar; Joaquim, Romão e Carvalho; Lourenço, Araújo, Correia Dias, Falcão e Catolino (1).

Oriental — Fernando; Albano e Morais; Isidoro, Custódio e Carlos Costa; Correia Pinto (1), Leitão (2), França (3), Vicente e Bettencourt.

O orientalista Carlos França batendo Valongo, com um golpe de cabeça — a sua grande arma...



JOHN CHARLES e os seus golos a 350 contos cada

O mais sensacional avançado-centro dos últimos anos tem sido, na verdade, o «madrilleno» Di Stéfano. Mas o galês John Charles tem-lhe feito séria concorrência pela espectacularidade do seu modo de jogar e, principalmente, pelos 5.300 contos que o Juventus de Turim pagou ao Cardiff pela aquisição do pujante avançado-centro, «estrela» fulgurante da turma transalpina.

Confirmando a expectativa, John Charles era no momento o goleador-mor da prova com 15 tentos obtidos, cumprindo o seu papel que os 5.300 previram, à razão fabulosa de 350 contos por cada golo que tem conseguido.

Eis, nesta imagem, mais um para a conta de Charles, conseguido em «salto à peixe», numa espectacular cabeça de êxito assegurado, que é como quem diz: «ai vão mais 350 contos».



EU JÁ CONVERSO CONTIGO!...



Foi no decorrer do último «derby» regional. O Barreirense-Vitória de Setúbal.

A dado momento deu-se uma cena de futebol-falado. O guarda-redes Libânio (na altura em que o Vitória vencia por 1-0) disse para Faia: — Já tens uma no «Viveiro»...

O interior do Barreiro parece não ter gostado e retorquiu:

— Deixa estar, que eu já converso contigo! ...

E — zás! — nos últimos 20 minutos do encontro jogou como poucas vezes terá jogado na sua vida e depois de obter um golo deu outro a marcar e... o Barreirense venceu por 2-1.

O desespero de Libânio está bem expresso na forma como arranha o chão na altura de sofrer o 1.º golo...

Atenção, guarda-redes: não provoques a «conversa» de Faia!...



O FUTEBOL FEMININO

e o seu pitoresco

O futebol praticado por raparigas ganha cada vez mais adeptos, sobretudo na Alemanha. Travam-se polémicas sobre as vantagens e desvantagens da prática feminina de tão viril desporto. Os contrários afirmam que o futebol não beneficia a beleza da mulher, além de que as raparigas têm muitos desportos que lhes são mais adequados, como o voleibol, basquetebol, esgrima, natação, etc.

Por seu lado, as desembracadas moças futebolistas ar-



Eis o gracioso friso de improvisadas futebolistas portuguesas. Propositadamente alinhou no lugar de «Matateu» a linda «morena» e apreciada vedet... do palco, «Conchinha»

gumentam que gostos não se discutem, e se é do futebol que elas gostam mais, que as deixem divertir-se à sua vontade.

Em Portugal o futebol feminino é praticamente inexistente. Nos últimos tempos, realizou-se um desafio entre artistas teatrais, portuguesas e austríacas, e uma digressão de duas equipas femininas, em várias cidades portuguesas.

Com grande arrelia dos adversários deste desporto (praticado por mulheres) essas exhibições alcançaram grande êxito junto do público. Êxito que se traduziu não por chacota, mas porque se verificou que o futebol feminino pode exibir certa graciosidade e emoção.

A primeira experiência dos tempos modernos (há cerca de um quarto de século realizaram-se outros desafios femininos) redundou num êxito surpreendente, que só foi pena não ter correspondido plenamente aos fins em vista. Tratava-se de angariar fundos para o Estádio do Restelo. Mas permitiu-se a entrada livre nas Salésias, confiando-se na compra voluntária das senhas emitidas com aquele objectivo benéfico. Todavia, o campo encheu-se rapidamente de uma multidão entusiasmada e a cobrança tornou-se um problema.

Com entradas pagas, teria sido um êxito de bilheteira famoso!

As equipas que se degladiaram, por entre aplausos e risadas constantes, eram constituídas pelas artistas do Teatro Maria Vitória e a companhia Vienense, nessa altura em cena no Teatro Avenida.



Acaba o jogo. A elegante Judite Santana abandona o campo, sobranceando a bola, e saudando o público, que a aplaude delirantemente. Ah! se Judite Santana, no palco, lograsse escutar, só para ela, aquela estrondosa salva de palmas que ecoou em Belém, obteria a mais entusiástica consagração da sua carreira artística...



Feliciano, o famoso «internacional» de futebol foi o árbitro. E não se limitou a arbitrar. Teve que explicar as regras às «ignorantes» e encantadoras jogadoras!...



O mais belo «capitão» de futebol que se viu nos campos de futebol portugueses: Helga Liné, que «capitaneou» a equipa feminina do Maria Vitória



Guida de Carlo, teve que receber a assistência do massagista — ao momento o bailarino António Gonçalves, antigo desportista do Benfica. O médico do Belenenses lá estava, pronto a intervir, se o percalço fosse grave, o que felizmente não se verificou



Judite Santana foi a grande revelação a guarda-redes no jogo com a equipa austríaca. A ela se ficou devendo o empate...



Eis uma imagem do desafio entre as equipas inglesas no estádio Alvalade. Aqui não há a improvisação das simpáticas artistas de variedades que se reuniram nas Salésias. Trata-se de amadoras que praticam o futebol com o estilo perfeito que se nota nos «ases» masculinos. Dois futebolistas de barbas não exhibiriam atitudes mais «clássicas» do que estas jovens inglesas!

As austríacas, um pouco mais desembaraçadas, quase levaram a melhor. Mas as portuguesas, dignas descendentes da padreira de Aljubarrota, tanto se esforçaram, que conseguiram arrancar um empate.

Pouco a pouco, a multidão foi-se adensando sobre o rectângulo de jogo, penetrando mesmo no campo relvado, e foi necessária a intervenção da polícia. Por pouco se demoliam gratuitamente as velhas bancadas das Salésias.

No ano passado, visitaram-nos duas equipas femininas inglesas, cujas exhibições agradaram na generalidade, do ponto de vista técnico, inclusive. As receitas reverteram para a «Cruz Vermelha».

Estamos certos que para tal fim benefi-

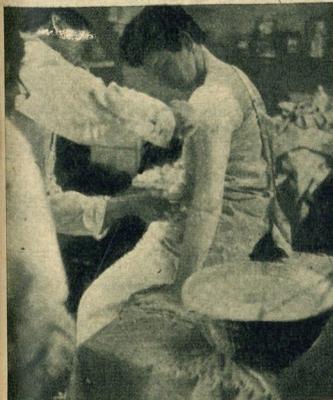
cente, as desportistas portuguesas — por que as temos, no voleibol, basquetebol, atletismo e natação — estariam na disposição de formarem uma equipa de futebol, para, devidamente treinada, opor réplica a qualquer «onze» feminino britânico ou alemão que quisesse visitar Portugal.

Não faltaria público para as aplaudir e acarinhar, contribuindo assim, inofensivamente, para qualquer campanha de beneficência...

Entretanto, para «matar saudades», aos adeptos do futebol feminino, reproduzimos uma boa série de fotos do célebre desafio das artistas teatrais... e outras exibindo facetas pitorescas (uma pouca simpática...) do futebol entre raparigas.

Pitoresco! Uma insinuante jogadora lesionou-se e é carinhosamente transportada ao colo, chorando no ombro do sócito massagista

Com o andar dos tempos, o futebol feminino ainda exigirá pessoal de assistência do mesmo sexo, para tratamentos mais delicados...



Oh! Diabo. Este quadro é que não é nada encantador... Sim, trata-se de futebol feminino... muito pouco «sex-appeal». Bem, leitor, o melhor é virar a página e mudar de assunto...



COMUNICADO DA Associação de Futebol Lisboa

«Tem-se notado que em diversos campos, uma parte do público, em geral afecto ao clube visitante, costuma apedrejar e insultar os árbitros e jogadores.

É quase sempre difícil prender os discólos porque cobardemente se aproveitam da aglomeração para fugir à responsabilidade da infame acção. Estes factos não podem continuar; o prestígio do futebol e o desta Associação obrigam a que sejam tomadas providências para a sua repressão. É o que esta direcção vai tentar fazer.

Ao Ex.^o sr. director da Polícia de Investigação Criminal e ao Ex.^o sr. Comandante da Polícia de Segurança Pública nos vamos dirigir para que entre os espectadores sejam colocados guardas à paisana. Estes prenderão os delinquentes em flagrante para serem enviados ao poder judicial.

*

Sim, trata-se de um comunicado de a Associação de Futebol de Lisboa enviou aos jornais, para publicação, mas... em Novembro de 1937.

Hoje, mesmo com os espectadores a provocar os árbitros e jogadores do modo citado, não seria crível um comunicado redigido nestes termos. Outros tempos, outras maneiras...

Esta semana fazem anos...

Dia 26 — Leonel Vasco de Oliveira Pegado, do Benfica. Nasceu em Lourenço Marques, em 26 de Janeiro de 1931, pelo que completa 27 anos. Joga no clube dos «encarnados» desde 1954-55.

Dia 28 — Manuel da Silva Fragateiro nasceu no Montijo em 28 de Janeiro de 1921, pela bonita idade para um jogador de futebol de 37 anos. Deve ser



Pegado



Fragateiro



Garcia

o mais idosos que actua na 1.ª Divisão. De 1939-40 a 42-43 alinhou no Aldegalense (actualmente: C. D. Montijo). Depois de 1944-45 a 50-51 teve o seu período áureo no «Estoril». Em 1951-52 e época seguinte representou o C. D. Montijo. E desde 1953-54 que está, e muito bem, no Caldas.

O outro aniversariante deste dia é Manuel Garcia Gonçalves — o Garcia, do Oriental. Nasceu em Santa Marinha (Gaia), em 28 de Janeiro de 1932, pelo que vai completar 26 anos. Clubes representados: 1949-50 a 52-53 — A. Naval de 1.ª Maio, da Figueira da Foz (duas épocas em juniores); desde 1953-54: Oriental.

Dia 29 — Na quarta-feira também há dois aniversariantes: Monteiro, do Torriense e Bastos, do Atlético.

E é curioso que Augusto dos Santos Monteiro também nasceu em Santa Marinha (Gaia), mas em 29 de Janeiro de 1930. Clubes representados: 1946-47 a 50-51 — C. D. Candal; 51-52 — Sp. C. Abrantes; 1952-53 a 1955-56 — Benfica desde 1956-57: Torriense. Prefaz 28 anos.

Fernando Dourado, apesar de ir completar apenas 26 anos bate um recorde de clubes representados. Repare-se: 1949-50 e 50-51 — Belenenses (2 épocas em junior); 51-52 — G. D. Pescadoreas da Costa da Caparica; 52-53 — Caldas; 53-54 — Coruchense; 54-55 — S. L. Olivais; 55-56: Lusitano; 56-57 — Benfica; desde há pouco: Atlético. Oito clubes em nove anos de actividade!

Bastos nasceu em Lisboa em 29 de Janeiro de 1932.

Dia 30 — Na quinta-feira, recebe parabens o Walter, do Sporting. É o 27.º aniversário, pois nasceu em 30 de Janeiro de 1931, em Espinho. Walter de Castro Brandão representou o Sp. Espinho de 1947-48 a 54-55 (duas épocas nos juniores) e desde 1955-56 que está nos «leões».

Finalmente, no sábado, faz anos o mais jovem do lote: Ângelo Maria Bastos Rodrigues Sarmento, nascido em 1 de Fevereiro de 1934, no Porto (Cedo-feita). Representa desde 1952-53 o F. C.



Monteiro



Bastos



Walter

Alex Jany de novo em evidência

Alex Jany, o excelente nadador francês, que, após um início de carreira fulgurante, deixou de aparecer como grande senhor da natação do seu país, mostra-se disposto, na próxima época, a demonstrar que não é um homem acabado. E para que os seus adversários se vão preparando, Alex Jany ganhou a «Taça do Natal e Ano Novo», disputada em Marselha, no quadro pitoresco do velho porto.

Rodeado de alguns admiradores e de uma gentil admiradora, o popular Alex apresenta-se com aspecto, um tanto bonacheirão — e com alguma adiposidade que convém eliminar...



Capitão dos Búlgaros festejou a noite de Natal com os futuros adversários!...

Como se sabe, no dia de Natal, a Selecção Francesa de futebol defrontou em Paris, igual turma da Bulgária, empatando a duas bolas. O que nem todos saberão é que na véspera do jogo, os franceses festejaram a data longe de suas famílias, no Hotel onde se encontravam concentrados, (e a título de curiosidade podemos informar chamar-se «Hotel do Universo e de Portugal») e que foi seu convidado de honra o dr. Bolkov, «capitão» e médio esquerdo da Selecção Búlgara — atitude simpática a todos os títulos.

Eis, da esquerda para a direita, Vicent, Jonquet, Lerond e Cahuzac, rodeado o seu hóspede e futuro adversário.



O duelo (contrariado ..)

Matateu-Arsénio

no despique de golos do campeonato nacional

Já muita gente proclamava em alto som que Matateu atingira o ocaso. Já se dizia até que a sua carreira estava no fim. E tudo porque numa dezena de jornadas do presente campeonato a sua «alavanca» não funcionara ainda com a perfeição doutras épocas, o que motivou até o seu afastamento da selecção nacional.

Não era verdade, porém. A estrela de Matateu não empalideceu ainda. E a prova surgiu no encontro com o Braga: seis golos!

Ei-lo, de novo, candidato ao título de rei dos marcadores — que já obteve em duas épocas anteriores. Quanto à proeza em si, Matateu afirma-nos que não era a primeira. Num jogo particular contra o Olhanense na festa de Grazina obteve oito golos; no ano passado contra o Torriense, marcou quatro e em treino, contra as reservas já por mais duma vez ultrapassou a dezena!



Matateu com seis bolas — tantas quantas marcou ao Braga, estabelecendo recorde do campeonato.

Arsénio é a grande sensação da lista dos marcadores do «Nacional». Pode não ser ele o vencedor deste despique contra os mais bem acompanhados Matateu, Vadinho, Vasques e Aguas, mas o que fez já chega para o tornar autêntica «vedeta» do «Nacional» em curso.

Não há dúvida que Arsénio, enquadrado numa equipa modesta, tem muito menos probabilidades de marcar golos que qualquer daqueles «artilheiros». No entanto, ele lá vai «enchendo o saco», sendo raro o domingo em que não aumenta o seu activo.

Recordamos que há anos, quando o Benfica venceu o Estoril por 7-0, seis golos foram apontados pelo extraordinário avançado barreirense.

É curioso que a soma de golos averbado a Arsénio não é igual em todos os jornais, dado que uns consideram a intervenção do



Arsénio anda com o pé muito afinado. Todo o cuidado é pouco ao equipar-se.

defesa Saraiva, no jogo Cuf-Caldas, que parece ter tocado a bola em último lugar. Julgamos justo que se reconheça a paternidade desse golo a Arsénio, dado que o seu remate, mesmo sem intervenção do aludido defesa, daria golo. Posteriormente, no jogo com o Lusitano, Arsénio marcou um golo nas mesmas condições. A bola foi desviada, na sua trajectória, por um defesa, entrando na baliza, mas este golo foi-lhe geralmente atribuído depois de viva controvérsia nos camarotes da Imprensa...

Também Matateu se pode queixar de que alguns repórteres lhe negaram um dos golos da série marcada ao «Braga». Para uns (incluindo um fotógrafo, que estava perto...) o golo — o primeiro, por sinal — pertenceu, de direito a Tiito porque Matateu teria apenas confirmado o golo, já com a bola dentro da baliza...

De facto, há golos de autoria muito discutível — que os próprios intervenientes nas jogadas não sabem explicar...

Desde 1948 que o Botafogo não sabia o que era conquistar o título do Rio de Janeiro. Este ano, porém, a sua «torcida» teve fartos motivos para delirar. O Botafogo venceu e... na última jornada goleou o outro grande, o famoso Fluminense, 6-2 foi a marca final e as marchinhas e o carnaval no Grémio de Botafogo não mais tiveram fim. Na gravura a imagem do 2.º golo do glorioso, quando Paulinho (que cometeu a proeza de marcar 5 golos) fez... «A roseira balançar», como dizem os cariocas.

Paulinho, como prémio de ter sido o melhor marcador do campeonato, ganhou, entre outros presentes, um «cadillac»!



O 1.º golo do jogo Belenenses-Braga que suscitou dúvidas quanto à paternidade. De facto, Matateu entra com a bola pela baliza dentro — mas tê-la-ia cabeceado ainda aquém do risco? Ele diz que sim...



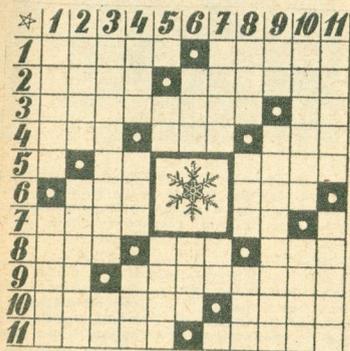
PAULINHO

um homem que ganhou um Cadillac a marcar golos!



XADREZ

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Oração antes do nascimento do sol, dirigida pelos Mouros a Alá; heróico. 2 — Espécie de tatu; jogador do V. Setúbal. 3 — «Internacional» do F. C. Porto; jogador do Sporting. 4 — Grande quantidade; oferecer. 5 — Distar; gato selvagem de Madagáscar. 6 — Além; carta numa só folha. 7 — Planta hortense; mil e quinhentos. 8 — Atilho; morada das almas dos justos; antigo «internacional» espanhol, de futebol. 9 — Existe; jogador do Benfica. 10 — Tumba; numeral. 11 — Planta umbelífera; eventualidade.

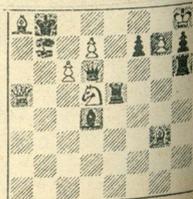
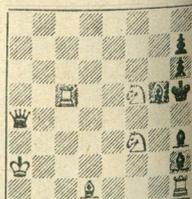
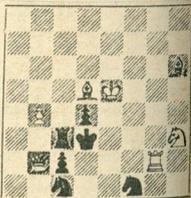
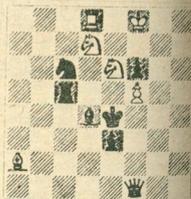
VERTICAIS: 1 — Importante porto francês; fileiras de árvores. 2 — Cénero de plantas ericáceas, relaciona. 3 — Dirigente da C.U.F.; símbolo químico do alumínio. 4 — Ergio; antigo «internacional» do Belenenses; sãite. 5 — Abreviatura de idem; pron. indef. 6 — Renque; pron. pess. 7 — Chefe de algumas tribos muçulmanas; Único. 8 — Sustento; eco; abreviatura de «et cetera». 9 — Caminhar; jogador do Sporting. 10 — «Internacional»-B do V. Setúbal; vencimento diário de um soldado (pl.). 11 — Árvore leguminosa; zeloso.

4 PROBLEMAS DE XADREZ

Primeiras menções honrosas do torneio da British Chess Federation, 1948-50.

Autores: 1 — O. Strerath (Alemanha); 2 — A. P. Eerkes (Holanda); 3 — P. C. Thompson (Inglaterra); 4 — F. Fleck (Hungria).

(Soluções na página 15)



O melhor da Suécia

Tal como a Inglaterra, a França, a Rússia, a América e até Portugal, a Suécia, grande país onde o Desporto tem lugar à parte na vida da nação, não podia ficar indiferente à eleição do **melhor atleta do ano!** E, deste modo, os suecos votaram também no homem que lhes pareceu reunir as qualidades e os êxitos merecedores de tal honra.

Recaiu a escolha em Dan Waern, corredor de atletismo e, dizem, digno sucessor dos grandes nomes do passado, que tantos triunfos arrecadaram para o seu País.

...E os da Inglaterra

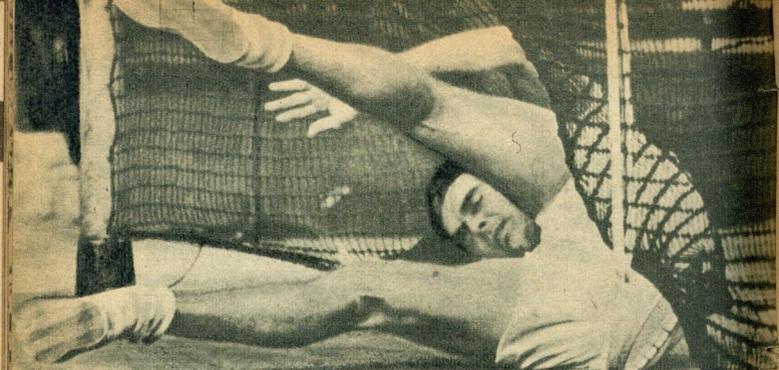


Como habitualmente, ao expirar de cada ano, os ingleses (público e crítica) escolhem os seus principais atletas no decurso dos 365 dias.

Coube, desta vez, a Diana Wilkinson e a Derek Ibbotson, a honra de serem considerados, por unanimidade (crítica) e por maioria de votos (público) os «Atletas do Ano», em Inglaterra.

Ei-los, sorridentes, mostrando os prémios recebidos e que, por sinal, revelam muito bom gosto...





Curiosa atitude do veterano Vic Seixas, verdadeiramente em apuros

OS TENISTAS AUSTRALIANOS mais uma vez vencedores da famosa taça Davis



Depois de Ken Rosewall, a perda de Lew Hoad, levou os australianos a encararem a disputa da «Taça Davis» de 1957 (equivalente ao Campeonato do Mundo de Tênis) com verdadeira apreensão. Na verdade a decisão de Lew Hoad em se tornar profissional antes da data que tinha prometido isto é, depois da conclusão da «Taça», deixou os técnicos da Austrália em situação verdadeiramente embaraçosa. A sua apreensão era ainda reforçada pelo facto de terem de incluir na equipa (ainda que tenistas de grande categoria) dois jovens: Ashley Cooper (21 anos) e Mal Anderson (22), os quais com Fraser e Marvin Rose se haviam de bater com tenistas experimentados como Vic Seixas.

Apesar de todas as contrariedades os australianos continuam na vanguarda do ténis mundial e na posse do histórico trofeu.

Ainda que não tivessem repetido a proeza de 1956 em que os americanos foram batidos por 5-0, (pois este ano não foram além de 3-2), o facto merece atenção especial.

*

Australianos e americanos de frontam-se na «Challenge Rond» desde 1938.

Mac Kay, durante a partida que disputou com Ashley Cooper

Os americanos, capitaniados por Billy Talbert, apresentaram os seguintes elementos: Cardnar Mulloy, Herbie Flam, Vic Seixas, Barry Makay, Ronald Holmberg e Mike Green.

Os jogos, que se realizaram sob calor asfixiante, foram disputados no Estádio de Kooyong, Melbourne na presença de 20.000 espectadores.

*

Os resultados técnicos foram os seguintes:

SINGULARES

1.º dia — Mal Anderson (A) — Mac Kay (E. U. A.): 6-3, 7-5, 3-6, 7-9 e 6-3. Resultado final: Austrália, 4; E. U. A., 1. Ashley Cooper (A) — Vic Seixas (E. U. A.): 3-6, 7-5, 6-1, 1-6 e 6-3. Resultado final: Austrália, 3; E. U. A., 2.

2.º dia — Mervin Rose — Mal Anderson (A) — Vic Seixas — Mac Kay (E. U. A.): 6-4, 6-4 e 8-6. Resultado final: Austrália, 3; E. U. A., 0.

SINGULARES

3.º dia — Mac Kay (E. U. A.) — Ashley Cooper (A): 6-4, 1-6, 6-4 e 6-3. Resultado final: E. U. A., 3; Austrália, 1. Vic Seixas (E. U. A.) — Mal Anderson (A): 6-3, 4-6, 6-3, 0-6 e 13-11. Resultado final: E. U. A., 3; Austrália, 2.

TOTAL: Austrália, 3-E. U. A., 2 (13-9).



Fraser e Ashley Cooper



Lew Hoad (agora profissional) ostenta, com orgulho, a «Taça Davis» conquistada em 1956, no-

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS

Foto-enigma — Pinho, polido e Moreira; Vicente, Artur e Cabrita; Rocha, Coluna, Fernandes, Faia (depois Casaca) e Mendonça.

Palavras Cruzadas — **Horizontalis**: 1 — Hacer; Épico. 2 — Apar; Amaral. 3 — Virgílio; Sá. 4 — Ror; Dar; cai. 5 — Ir; saca. 6 — Ali, ola. 7 — Alho; MD. 8 — Lio; céu; Epi. 9 — És; Palmeiro. 10 — Ataúde; frês. 11 — Salsa, Acaso. **Verticalis**: 1 — Havre, aleas. 2 — Apio, alista. 3 — Carrilho; al. 4 — Erg; Rio; pus. 5 — Id; cada. 6 — Ala; ele. 7 — Emir; um. 8 — Pão; som; etc. 9 — Ir; Caldeira. 10 — Casaca; frês. 11 — Oiaia; Cioso.

XADREZ: 1 — Cal 5, 2 — Da 5; 3 — Bd 8; 4 — Bb 7.

O «record» de Zatopek na S. Silvestre resistiu teòricamente a Manuel Faria—e não é possível a contraprova de San Sebastian...

**QUAL VENCERIA:
A "LOCOMOTIVA DE PRAGA"
OU... O "LUSITANIA-EXPRESSO"?**

Foi há 33 anos que a «Gazeta Desportiva», de S. Paulo, promoveu pela primeira vez a chamada corrida de S. Silvestre, que se realiza no último dia do ano pelas 23.50 horas.

O primeiro corredor a registar o seu nome na lista dos vencedores foi o brasileiro

Alfredo Gomes que gastou 23 m. e 19 s. a percorrer os 6.200 metros da prova.

Até 1945 apenas tomaram parte na corrida de S. Silvestre alguns estrangeiros residentes no Brasil e só a partir de 1946 foi facultada a inscrição de atletas de outras nações sul-americanas.

Foi o uruguaio Óscar Moreira, em 1947, o primeiro pedestrianista não brasileiro que teve a honra de ganhar a corrida, dominando os 7.000 metros do percurso no tempo de 21 m. e 45 segundos.

Em 1948 o chileno Raul Inostrosa estabeleceu o «record» da prova em 21 m. e 24 segundos. Atletas europeus competiram

VENCEDORES DA S. SILVESTRE

Ano	Distância metros	Vencedor	Clube	Tempo
1925	6.200	Alfredo Gomes	Clube Esperia	23'19"4/5
1926	6.200	Jorge Mancobo	C. R. Tietê	22'35"3/5
1927	6.200	Heitor Blasi	Clube Esperia	23'
1928	8.800	Salim Maluf	A. A. Palmeiras	29'11"2/5
1929	8.800	Heitor Blasi	Palestra Itália	28'39"2/5
1930	8.800	Murilo de Araújo	Volunt. da Pátria F.C.	25'35"3/5
1931	8.800	José Agnelo	C. A. Paulistano	26'05"3/5
1932	8.800	Nestor Gomes	C. A. Paulistano	25'23"1/5
1933	7.600	Nestor Gomes	C. A. Paulistano	23'50"3/5
1934	7.600	Alfredo Carletti	Franco Brasileiro	24'10"1/5
1935	7.600	Nestor Gomes	C. A. Paulistano	23'51"2/5
1936	7.600	Mário de Oliveira	A. A. Guarulhense	23'26"2/5
1937	7.600	Mário de Oliveira	A. A. Guarulhense	23'50"
1938	7.600	Armando Martins	A. A. Guarani	23'38"4
1939	7.200	Luis Del Greco	A. A. Ramenzoni	24'50"4/5
1940	7.000	Antônio Alves	A. A. Guarani	22'14"
1941	7.000	José T. dos Santos	Estado Minas Gerais	22'12"
1942	5.500	Joaquim G. da Silva	Força Policial	17'02"3/5
1943	5.500	Joaquim G. da Silva	Força Policial	17'31"
1944	5.500	Joaquim G. da Silva	Força Policial	17'40"2
1945	7.000	Sebastião Monteiro	Força Policial	21'54"
1946	7.000	Sebastião Monteiro	São Paulo F. C.	21'54"
1947	7.000	Óscar Moreira	Uruguaí	21'45"
1948	7.000	Raul Inostrosa	Chile	22'06"1/5
1949	7.300	Vijo Heino	Finlândia	22'37"8/10
1950	7.300	Lucien Theys	Bélgica	22'37"8/10
1951	7.300	Erik Krucziky	Alemanha	22'26"5/10
1952	7.300	Franjo Mihalic	Jugoslávia	21'38"4/10
1953	7.300	Emil Zatopek	Checoslováquia	20'30"4/10
1954	7.400	Franjo Mihalic	Jugoslávia	21'51"
1955	7.400	Keneth Norris	Inglaterra	22'18"2/10
1956	7.400	Manuel Faria	Portugal	21'58"9/10
1957	7.400	Manuel Faria	Portugal	21'37"4/10



Emilio Zatopek



Manuel Faria

Para a história da corrida de S. Silvestre

(Conclusão da página anterior)

na «S. Silvestre» pela primeira vez em 1949, ano em que a distância foi aumentada para 7.300 metros.

A partir desta data apenas europeus têm triunfado, sendo o finlandês V. Heino o primeiro a abrir a série de vitórias.

O «record» do chileno Inostrosa manteve-se até 1953, ano em que o famoso checo Emilíio Zatopek, estabeleceu novo «record», com o tempo de 20 m. 30 s. e 7/10, tempo que se mantém como o melhor da corrida.

Com efeito, Manuel Faria bateu realmente o «record» da prova na distância de 7.400 metros (que é percorrida desde 1954), mas a média do checo é superior.

A diferença é de 100 metros. Ora Zatopek percorreu os 7.300 metros à média de 16,8 segundos por hectómetro, enquanto Faria cobriu os 7.400 metros à razão de 17,5 s. por hectómetro. Segundo esta média (na prática do atletismo muito contingente, note-se), Zatopek teria corrido — com a embalagem que levava em 1953 — os 7.400 metros em qualquer coisa como 20 m. 48 s. Mesmo considerando a eventual perda de velocidade na ponta final, é crível que o checo não teria excedido os 21 minutos nos 74 hectómetros.

Por outro lado, se Faria passou agora os 7.300 metros em menos de 20 m. 30,7 s. (supomos que não se fez essa cronometragem), nesse caso teria levado mais de um minuto a percorrer os cem metros finais o que não estaria de acordo com as revelações sobre a sua formidável «ponta final» para bater Kutz e C....

Todavia, Zatopek há cinco anos era ainda rei e senhor do pedestrianismo. O que aconteceria se tivesse corrido, agora, ao lado do nosso Manuel Faria, de Kutz, Suarez, e outros «ases» da actualidade? Quem venceria esse duelo de gigantes: a célebre «locomotiva de Praga» ou o nosso novo «Lucifânia-Expresso»? Só é possível fazer conjecturas — e não nos podem levar a mal que opinemos que Manuel Faria, como bateu Kutz, derrotaria também Zatopek, na memorável noite de S. Silvestre de 1958.

Infelizmente, a contraprova que se poderia fazer em «San Sebastian» não se realiza. Esperemos, confiadamente pela próxima oportunidade.



BREVEMENTE:

A história de Manuel Faria

«CRÓNICA DESPORTIVA» desde que, a partir do n.º 9, começou a inserir as já famosas autobiografias dos principais jogadores portugueses, arquivou já as seguintes:

N.º 9 — José Águas (Benfica); 10 — Perez (Belenenses); 11 — Orlando (Atlético); 12 — Passos (Sporting); 13 — Suarez (Belenenses); 14 — Costa Pereira (Benfica); 15 — Bastos (Benfica); 16 — Cabrita (Covilhã); 17 — Ramin (Belenenses); 18 — Coluna (Benfica); 20 — Matos Fernandes (Benfica); 21 — Virgílio (F. C. Porto) e Jacinto (Benfica), resumos; 22 — Zézinho (Benfica); 23 — Gabriel (Covilhã); 24 — José Pedro (Lusitano); 25 — Figueiredo (Belenenses); 26 — Manuel Marques (massagista); 27 — Hernâni (F. C. Porto); 28 — Leitão (Oriental); 29 — Di. Pace (Belenenses); 30 — Calado (Benfica); 31 — Martins (Sporting); 32 — Faia (Barcelense); 33 — Fernandes (Torriense); 34 — Pedroto (F. C. Porto); 35 — Travaços (Sporting); 36 — Vicente (Belenenses); 38 — Alfredo (Benfica); 39 — Vasques (Sporting); 40 — Durão (xadrez); 41 — Angelo (Benfica); 42 — Wilson (Académica).

Seguem-se: 43 — Vaz (V. Setúbal), e 44 — Manuel Faria — o grande bi-vencedor da famosa corrida de S. Silvestre.

Os colecionadores devem dirigir os seus pedidos à Agência Portuguesa de Revistas, antes que os exemplares em «stock» se esgotem.

PREVENÇÃO IMPORTANTE

A partir do n.º 44 «CRÓNICA DESPORTIVA» modificará o formato para o dobro! No próximo número daremos mais pormenores sobre o que será a vossa futura revista, na nova etapa que se escolheu para dar satisfação às crescentes necessidades de magazine moderno e do interesse suscitado pelas «histórias dos jogadores»!



CABELO À «SEMI-YUL BRYNNER» INDICADO PARA A PRÁTICA DE «RUGBY»?

A dureza do «rugby» é universal. Nas «melées», por vezes, vale tudo e não há que levar a mal pois é lei do rãgbi pensa sempre na boa intensão do adversário.

Apesar disso, eis o que resolveu fazer o categorizado jogador «internacional» francês Contrastin, por altura do último Inglaterra-França que os britânicos venceram por 44-15: rapar o cabelo à «semi-Yul Brynner», isto é, deixando um penacho de difícil «captação» nas intrincadas «melées».

Pegará a moda entre os praticantes do «rugby»? As máquinas-zero estão às ordens.

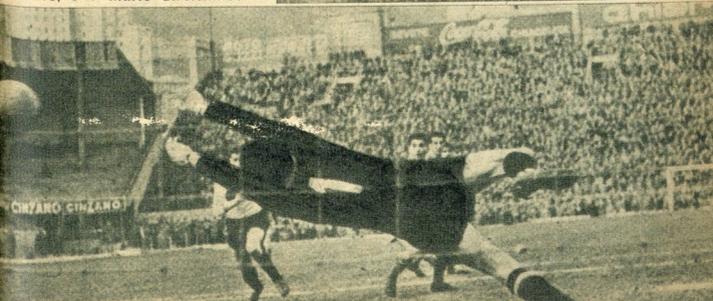
QUANDO O 1 «SE DEITA»

Ao contrário do que sucede por cá, todos os guarda-redes italianos usam o número 1 nas camisolas e até de forma bem distinta.

Quando esse algarismo tende para a horizontalidade, quando «se deita», mau sinal é para os guardiões...

Vejam-se estes exemplos dados pelo «keeper» Ghizzadi, do Verona, sofrendo dois tentos com o tal 1 em indesejável posição de repouso.

Eis, pois, uma lei que faz uso entre os defensores da baliza, por toda a Itália: manter, galhardamente, o 1 muito direitinho!



FLOYD PATTERSON

— o mais jovem (e tímido...) campeão mundial de todos os tempos

O actual campeão do Mundo dos pesados, o negro Floyd Patterson, é o mais novo de todos os pugilistas que conquistaram o bem pago e cobiçado título, pois com 21 anos, derrotou há pouco mais de um ano em emocionante combate, que se realizou em Chicago, o veterano Archie Moore, pondo-o fora de combate a dois minutos e vinte e sete segundos do quinto assalto.

O mais novo... mas também o mais tímido. Parece estranho que assim aconteça, tratando-se dum jovem com a força de Floyd, contudo, nada mais verdadeiro. Especialmente quando se encontra rodeado de adultos a sua timidez atinge o máximo, sendo capaz de se conservar calado durante horas, — alheando-se da conversação — ou se o faz, é com muito poucas e pensadas palavras.

Inversamente Floyd Patterson adora a companhia das crianças, com quem é expansivo, alegre, e brincalhão. É mesmo das suas maiores satisfações ensinar diversos jogos à garotada, que lhe corresponde com igual carinho e simpatia, ocorrendo todos os dias ao ginásio onde Floyd treina sob a orientação de Dan Florio.

Para os cronistas desportivos tem sido difícil interpretar o caso de laconismo do campeão do Mundo, no entanto, todos estão de acordo que se trata de uma «jóia de rapaz».

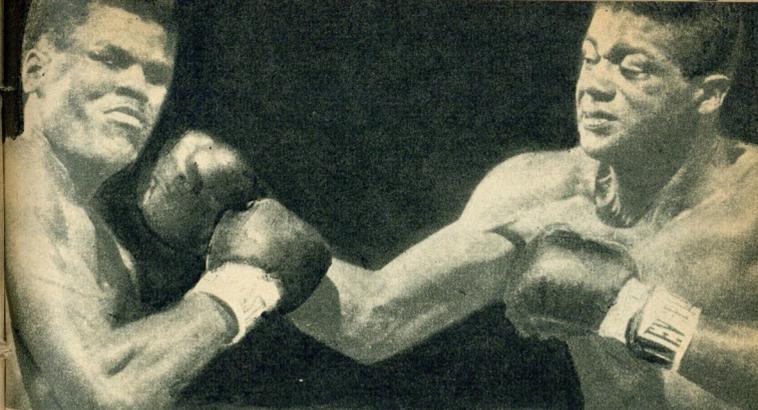
É o próprio campeão que se confessa possuidor de certo complexo de inferioridade — e afirma — ser necessário grave ofensa para que reaja fora do ringue...

A que atribui o jovem boxeur esse complexo? Aqui está a explicação: na mudança da infância para a adolescência Floyd, viveu, como sucede com muitos outros rapazes americanos, a vida livre dos «gangs» e certo dia, com outros dois companheiros, foi perseguido e preso, por ter furtado num mercado um saco com fruta, julgado como delinquento infantil, foi internado numa Escola de Reeducação em «Catskill Mountains».

Neste Reformatório iniciou Patterson a sua carreira, pois logo que ali deu entrada se revelou com pinta de pugilista, e com doze anos apenas, facilmente ganhou o Campeonato da Escola.

Foi o padre católico Archibal Mc Leese (bom pugilista e atleta) que lançou Floyd nas andanças do boxe, obrigando-o a treinos duros, como seja o transporte de sacos.

Aos 14 anos Floyd Patterson



Floyd Patterson (à direita) parece querer brincar com o seu rival Tommy «Hurricane» Jackson no combate que travaram para a posse do título de campeão do Mundo.

foi transferido para o Gramercy Gymnasium em Street Mathattan, onde pontificava Constantine D'Amato. Sem demora D'Amato começou a preparação do novo candidato, e fê-lo, com tal dedicação e conhecimentos técnicos que Patterson venceu nove campeonatos de Amadores na categoria de médio e em 1952, nos Jogos Olímpicos de Helsínquia, o título olímpico da mesma categoria.

D'Amato foi sempre um grande amigo e protector do jovem negro, levando-o ao cume da glória e protegendo-o das garras dos «escravizadores» de jovens pugilistas.

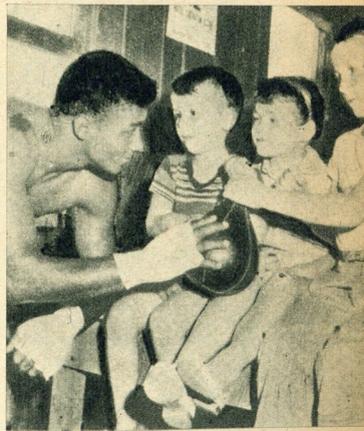
Na qualidade de amator, Floyd venceu quarenta dos quarenta e quatro combates em que interveio.

Como preparação para os Jogos Olímpicos recebeu as luvas de ouro e o título de campeão nacional amator de médios. Em Helsínquia dominou o francês Omar Tebbaca, pós a K.O. o holandês Yeonardus Jansen; venceu a meia-final, por desclassificação do campeão da Europa, o sueco Stig Sjölin e, por fim, ganhou os louros olímpicos por ter triunfado na final defrontando o romeno Versilii Tita.

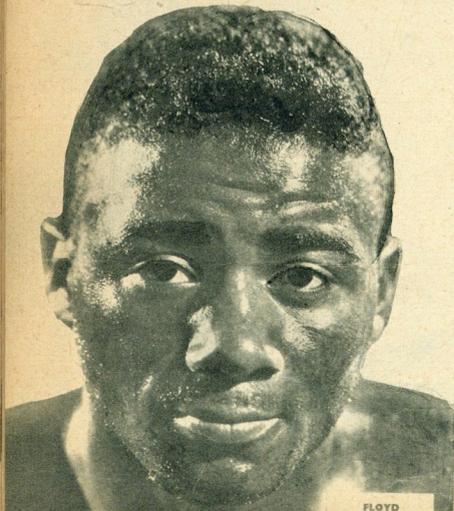
D'Amato, após a brilhante vitória de Floyd nos Jogos Olímpicos, julgou ser a ocasião própria para o seu pupilo enveredar pelo profissionalismo.

Como profissional o actual campeão do Mundo combateu pela primeira vez a 12 de

(Continua na página seguinte)



Floyd Patterson é um grande amigo das crianças. Só com elas é expansivo, alegre e brincalhão.



Sabe que equipa é esta?



Esta foto foi tirada no Sarre, na véspera de lá jogar a selecção-B de Portugal. Ali estão os efectivos e suplentes: de pé, da direita — treinador Cândido Tavares, Rita, Pinho, Faia, Arcanjo, Alcino, Cabrita, Polido, Artur, Rocha, Moreira, Vicente, Casaca, Fernandes, Coluna e Fernando Mendonça. Mas só jogaram doze. O leitor tem na foto os dados do problema: como alinhou a selecção portuguesa e qual a substituição operada?

(Resposta na página 15)

FLOYD PATTERSON

(Continuação da página 21)

Setembro de 1952, com a idade de 17 anos. D'Amato, homem de avultada fortuna, era simultaneamente treinador e empresário de Floyd. Para que o seu pupilo pudesse desenvolver as suas faculdades pugilísticas alugou determinado terreno em New Jersey, onde montou um campo de treinos. Ali opôs a Floyd pugilistas de grande experiência e peso superior, os quais recebiam vinte e cinco dólares por assalto ou seja seiscentos e quarenta escudos. Vinte meses após se ter feito profissional, o seu registo já apresentava esta elucidativa amostra: treze vitórias em sessenta e nove assaltos e oitenta adversários tinham sido batidos pelo esperançoso rapaz.

A 7 de Junho de 1954 para verificar os verdadeiros progressos de Floyd Patterson, D'Amato organizou um combate em que o adversário era de respeito: o ex-campeão do Mundo, Joey Maxim.

A vitória pertenceu a Maxim, aos pontos, mas a réplica de Floyd foi enérgica e nunca se inferiorizou. A lição serviu-lhe bastante nos combates que se seguiram contra o francês Jacques Royer Crocy; Jimmy Slade (duas vezes) e de novo o canadiano Ivou Durrelle. E para finalizar esta série de combates derrotou o pesado Tommy «Hurricane» Jackson.

Coincidindo com o abandono de Rocky Marciano, Constantine D'Amato entregou a orientação de Floyd ao conhecedor Dan Florio. Então, arrebatou o título de campeão do Mundo dos pesados em combate com Archie Moore.

Até à data Floyd Patterson defendeu o seu título duas vezes: contra o negro «Hurricane» em Julho de 1956, em Nova Iorque, ao qual derrotou com selvagem «galantaria»; e, seis semanas volvidas, contra o campeão olímpico Rademacher, em Steale, combate, em que o amador foi um juguete de certos aventureiros, levantou forte campanha nos jornais desportivos, que acusaram os organizadores da desigual luta, afirmando que o combate nunca se teria realizado se houvesse um verdadeiro controle nos Campeonatos do Mundo.

É certo que o título de Floyd foi ganho e defendido em combates com adversários que os técnicos consideram um velho, outro incompetente e o outro frango. Mas essa responsabilidade apenas pode ser atribuída a quem compete escolher os adversários.

Floyd Patterson, confessou: — «É certo que sou o actual campeão do Mundo dos pesados. Mas eu desejava ter podido combater com o forte Rocky Marciano. Isso provaria se sou ou não digno do título que ostento. Assim, aceito as coisas como estão...»



APRESENTA A HISTÓRIA DE

MÁRIO WILSON

da Académica de Coimbra

- * UMA FAMÍLIA RICA... EM DESPORTO
- * O «HARMONIA» — CLUBE CASEIRO
- * A DESSIDÊNCIA DO «HARMONIA» PARA OS JUNIORES DO GRUPO DESPORTIVO DE LOURENÇO MARQUES
- * «VEDETA» LAURENTINA
- * VEM AI O SUBSTITUTO DE PEYROTEO! — E ESSE FOI O MAL DE WILSON...
- * TAMBÉM EXPERIMENTOU O ATLETISMO NO SPORTING
- * O PRIMEIRO JOGO PODIA TER SIDO UMA INDICAÇÃO
- * TRACA-SE O DESTINO DE WILSON. LONGE DA RUA DO PASSADIÇO
- * JOGADOR E TREINADOR DA ACADEMICA
- * AS IDEIAS DE WILSON

À DIREITA:

Mário Wilson passa por ser um jogador calmo, sóbrio. Ele mostra aqui que, quando é preciso também é capaz de executar as mais dinâmicas jogadas. Foi num pontapé a espanhola, na Tapadinha, e a causar espanto a Vítor Gaspar.





Quem reconhece nesta foto o Mário Wilson? Era ainda júnior do Desportivo de Lourenço Marques. E o que está ao centro, apoiando-se nos ombros do avançado-centro, que é o seu irmão Guilherme.

Mário Wilson — o jogador-enigma! — podia ser o título da nossa história: jogador-enigma porquê? Que enigma transcendente pode haver nesse rapaz culto, fleumático, que é simultaneamente categorizado jogador, «capitão» e treinador-auxiliar da Académica?

O enigma reside neste ponto: não se sabe, ao certo, a que clube pertence Wilson! — se ao seu actual, a Académica ou ao Sporting, já para não falar do seu último clube ultramarino.

Mário Wilson ingressou na Académica como estudante, aparentemente vinculado ao Sporting. Mas tem-se visto tanta coisa em matéria destas transferências... Sucede, porém, que Mário Wilson não deu ainda azo a esclarecer o assunto. Está de pedra e cal na Académica. Até um dia...

E quando esse dia chegar — quando tiver que dar rumo definitivo à sua vida particular — ver-se-á. E quem sabe se, nessa altura, já não é preciso esclarecer o caso.

Que o Wilson tem umas ideias muito suas a respeito da sua vida de futebolis-

ta... Mas não nos antecipemos — e comecemos pelo princípio.

UMA FAMILIA RICA... EM DESPORTO

— Sou o penúltimo dos seis filhos de meus pais — começou assim Mário Wilson. E todos praticaram ou praticam ainda, desporto.

— Cite o historial desportivo da família, por favor...

— Isidoro praticou atletismo, especialmente salto em altura. Carlos — futebol e basquetebol; Olga — ginástica; Guilherme e eu — atletismo, futebol e basquetebol; Henrique — basquetebol. E um tio meu — Josef Wilson — foi campeão laurentino de pugilismo.

— Recuemos agora uma vintena de anos, na sua vida...

— Quer que lhe fale da minha infância, não é assim? Fui sempre um «doente» da bola. Nos primeiros anos éramos duas bolas juntas...

— Como?!

— Isto é, ainda bebé gorducho não queria outra coisa do que uma bola. E o que diz a família, claro...

O «HARMONIA» — CLUBE CASEIRO...

— Ainda estudante de Liceu comecei a interessar-me vivamente pelo futebol — continuou Mário Wilson. Para prosseguir:

— Eram acasas as rivalidades com a Escola Técnica e o Instituto de Portugal. Costa Pereira, Naldo, Perdigão, Albasini e tantos outros figuravam na lista dos rivais directos.

Uma pausa a recordar esses velhos tempos — não muito recuados, aliás, pois, tendo Wilson agora 28 anos, devem ter decorrido há pouco mais de uma dúzia de anos...

— Teria talvez uns quinze anos quando fundei o «Harmonia» — com sede em minha casa, que era então ponto de passagem obrigatória para o Liceu.

— Bâptizaram assim o «Clube» porque...

— Decerto, em homenagem ao espírito de camaradagem e harmonia entre os rapazes...

— E como funcionava o «Harmonia»?

— A sede era uma dependência da minha casa, uma espécie

EM CIMA:

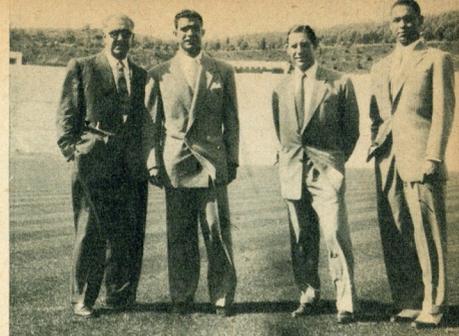
No dia da chegada a Lisboa, Wilson e Juca, acompanhados de Jorge Vieira, antigo internacional e dirigente, e do professor Moniz Pereira, visitaram o Estádio Nacional.

AO CENTRO:

Jogo de estreia na Metrópole. Foi na Tapadinha, jogando Wilson pela reserva, e tendo marcado dois golos. Eis como Correia deixa escapar a bola, perturbado pelo pé afinado do novo «recruta» leonino.

EM BAIXO:

Mário Wilson estreou-se na 1.ª categoria do Sporting no Estoril, ganhando por 4-0. Foi esta a equipa (falta Vasques que se lesionou e saiu minutos antes): Azevedo; Barrosa, Passos e Juvenal; Mateus e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Wilson, Albano e Rola.





Jogo de estreia na 1.ª categoria.



Foi neste jogo — Seleção Ultramarina contra a de Lisboa — que Wilson jogou pela primeira vez na Metrópole a médio-centro. Da esquerda para direita, de pé: Requi, dr. Eduardo Santos, Ramalhão, Gastão, Juca, Wilson; à frente: Espírito Santo, Garnacho, Ben David, Melão e Sérgio.

de arrecadação. O «campo de jogos» era no descampado em frente da minha casa. Estabelecemos uma quotização, angariámos fundos, as famílias, de um modo geral colaboraram, e tínhamos o nosso equipamento...

- Que era...
- Camisola azul e calção branco.
- O Mário Wilson, claro, tinha um lugar proeminente no «Harmonia»...
- Sim, era tudo — jogador, dirigente, e, inclusive, «barman»... — disse, sorrindo.
- Muitas «gazetas» ao Liceu por causa do «Harmonia»?
- Não. Do que me esqueci muita vez era das horas de refeição.

A DESSIDENCIA DO «HARMONIA» PARA OS JUNIORES DO GRUPO DESPORTIVO DE LOURENÇO MARQUES!

A narrativa (curiosa não é verdade, leitor?) prosseguiu nestes termos:

— Aos 16 anos passamos (aqueles que tinham idade), para o C. D. de Lourenço Marques, nessa altura filial do Benfica.

— E o «Harmonia»?

— Ainda continuou uns tempos, mas depois «perdemos» o campo, devido à construção dum colégio, e extinguiu-se gloriosamente!

— Conte-nos a história do seu ingresso no Desportivo de Lourenço Marques... — pedimos.

— Bem, divide-se em duas partes. É que eu era já jogador de basquetebol do Desportivo desde os doze anos!...

E continuou:

— Depois comecei a experimentar o atletismo. Uns lançamentos de disco e peso, umas corridas de estafetas — enfim de tudo um pouco, que todo o laurentino que se preza ama a vida desportiva de uma maneira geral.

— E quanto ao futebol?

— Um dirigente do Desportivo de Lourenço Marques, daqueles «carolas» que sempre há em todos os clubes, percorreu os diversos viveiros de futebol. Foi também ao «Harmonia». Deu-nos uma bola melhor, como chamariz, e como ingressando nos juniores passaríamos a jogar oficialmente, com torneios e tudo, «transferimo-nos» quase todos, sem olhar para trás...

«VEDETA» LAURENTINA

— Alinhei nos juniores durante duas épocas, geralmente ocupando o lugar de médio-centro no sistema antigo — prosseguiu Mário Wilson.

— Depois, na reserva...

— Passei ao primeiro «team» sem jogar na reserva, transitando, porém para avançado-centro. Nesse lugar fiz parte da selecção de Lourenço Marques, duas vezes, contra Luanda.

— E como nasceu a ideia de vir para a Metrópole?

— A bem dizer não foi minha. Foi o jornalista António Rosado, associado do Sporting, que empenhou as diligências necessárias — esclareceu.

— E como encarou a família a ideia de a deixar e fixar residência na Metrópole?

— Para a minha família eu era apenas o estudante que ia estudar para Lisboa, sob determinadas e vantajosas condições. Foi-me pedido que estudasse e me servisse do futebol como meio e não como um fim.

— Compreendido. E depois, o que sucedeu?

Wilson, jogador do misto B. S. B.





VEM AI O SUBSTITUTO DE PEYROTEO! — E ESSE FOI O MAL DE WILSON...

Vim para Lisboa na companhia de Juca. Fomos, assim os primeiros ultramarinos do êxodo que se tem verificado nos últimos dez anos.

— Primeiras impressões do futebol metropolitano?

— Com toda a franqueza: pelos primeiros jogos que vi (ainda em princípio de época) fiquei convencido que venceria as dificuldades. Mas, depois, dentro do campo é que verifiquei a grande diferença entre a teoria e a prática...

— E então...

— É uma das dificuldades que se me depararam foi a velocidade, dada a grande diferença de andamento de jogo do futebol ultramarino para o metropolitano.

Acrescentou:

— A outra grande dificuldade foi toda a gente ver em mim o substituto de Peyroteo. Ora as minhas características de avançado-centro eram as menos indicadas para o sistema de jogo criado no Sporting, e que se baseava num avançado-centro tipo ariete, e essencialmente goleador como era Peyroteo.

TAMBÉM EXPERIMENTOU O ATLETISMO NO SPORTING

Antes de prosseguirmos no capítulo futebolístico, Mário Wilson lembrou que também representou o Sporting em atletismo.

— O professor Monis Pereira estava a par das minhas tentativas no atletismo, em Lourenço Marques, de modo que a primeira vez que me viu, falou-me em experimentar no Sporting.

E resumiu:

— Aceitei a ideia e de facto consegui alguns progressos nos lançamentos, mas nada de espantar... Alcancei uns 32 metros e tal no «Disco» e 13,80 m. no peso de

EM CIMA E AO CENTRO:

Duas fases dum jogo contra o Elvas, e com Wilson sempre na brecha.

EM BAIXO:

Em viagem para o Brasil.



cinco quilos. Cheguei a concorrer em campeonatos, mas mais com a ideia de somar pontos para o Sporting do que lograr vitórias.

O PRIMEIRO JOGO PODIA TER SIDO UMA INDICAÇÃO...

Voltamos à faceta futebolística da carreira desportiva de Mário Wilson:

— O primeiro jogo que efectuei na Metrópole foi integrado na selecção de ultramarinos que venceu nitidamente a de Lisboa, na festa de despedida de Peyroteo.

— Que tal a estreia?

— Logo que não provei mal e foi pena que não tivesse reparado em mim... como médio-centro recusado.

E esclareceu a ideia:

— Havia abundância de avançados para formar a selecção dos ultramarinos (e nesse tempo mal chegávamos para formar uma equipa...). Então, quando se escolhiam os lugares, disse que na minha terra jogara muitos anos a médio-centro. E embora cá se jogasse no tipo de defesa central, fiz o lugar a contento.

— E nunca mais foi experimentado, no princípio da sua carreira na Metrópole, nesse lugar (que acabou por o consagrar na Académica e levá-lo à selecção nacional B, diga-se de passagem).

Mário Wilson revelou-nos:

— Fiz um ou outro treino, primeiro sob a orientação de Peics e depois de Galloway, sem os convencer. Nofe-se que nessa altura o Passos começou a subir e o Sporting necessitava mais de avançado-centro, devido à saída de Peyroteo. Além disso, no segundo ano de cá estar, apesar de o meu estilo de «comandante de ataque» não ser o mais indicado, o Sporting» esma-

EM CIMA:

De novo em Africa, mas em representação do Sporting.

AO CENTRO:

Lutando contra a Académica! O Sporting ganhou por 6-1.

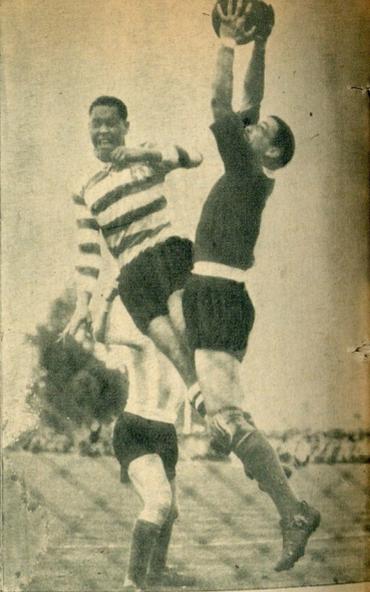
EM BAIXO:

Junto de Pierino Gamba.





Wilson entre o duo médio do Sporting de há algumas épocas atrás: Juca-Barros.



Cinco académicos ultramarinos: Guilherme Wilson, Torres, Eduardo Santos, Mário Wilson e Diógenes.

gava» os adversários, tendo ganho o campeonato com 11 pontos de avanço sobre o 2.º e 15 sobre o Benfica!

Elucidou-nos:

— Em jogo a sério, fiz o lugar de defesa-central em Milão, mas como recurso, porque o Passos, em dada altura magouou-se, e ficou incapaz de cumprir. Recordo-me que Calloway me felicitou pela maneira como cumprimos... estava escrito que eu não seria o «stopper» do Sporting!...

TRAÇA-SE O DESTINO DE WILSON LONGE DA RUA DO PASSADIÇO...

Como veremos a seguir, o destino de Wilson foi, sob certo aspecto, traçado longe de Lisboa — primeiro no Brasil e depois na Madeira. Isto não nos disse o



À ESQUERDA:

Disgrissão à Madeira.

EM BAIXO:

Num jogo Caldas-Académica os «capitães» foram justamente os irmãos Guilherme e Mário Wilson!

actual atleta da «Briosa», mas depreende-se...

— Fui ao Brasil, mas como suplente, dado que o Sporting se reforçou com dois avançados-centro internacionais, por empréstimo: Ben David e Patalino.

E Wilson prosseguiu:

— Comecei então a pensar a sério na hipótese de dar novo rumo à minha vida: ir continuar os estudos em Coimbra, ingressando na Académica.

— O que já fazia parte dos planos da Briosa...

— Suponho que sim. O certo é que falei nisso aos dirigentes do Sporting, que se opuseram, alegando que o clube continuava interessado no meu concurso.

— Que fez então?

— A Académica pediu ao Sporting para me ceder a título de empréstimo, para a disgrissão que a fazer à Madeira. O Sporting consentiu — e nunca mais voltei...

Esclareceu:

— Pedi a demissão de jogador no Sporting e requeri a minha transferência para Coimbra ao abrigo da lei especial para estudantes, o que foi deferido.

— Mas saiu... a mal?

— Não, não é bem isso. Aliás, nunca tive razão de queixa do Sporting e com o rodar do tempo tenho recebido até provas de consideração do meu antigo clube. Simplemente, tive que pôr em primeiro lugar — e isso, creio, foi compreendido mais tarde — o meu futuro.

— Servir-se do futebol como meio e não como fim...

— Exacto. Ora no Sporting, como em qualquer outro grande clube, são incompatíveis os estudos e o futebol profissional. Além de que subsistem ainda factores de ordem psicológica que se chocam. As exigências de se pensar num título, sob pressão de nervos, não só da parte do jogador como da massa asso-





«Stopper» da selecção nacional B.

ciativa, constituem uma sobrecarga, nociva para certos temperamentos, pelo menos, para as preocupações e deveres escolares.

Wilson alongou-se ainda em considerações deste teor sob o clima do futebol académico, que o leitor decerto poderá deprender pelo que acima ficou exposto.

E continuemos — que a entrevista já vai longa — a narrativa alicianante dos factos mais assinaláveis da vida de Mário Wilson.

JOGADOR E TREINADOR NA ACADÉMICA

— Na Académica joguei meia época a avançado-centro, e outro tanto a defesa central. Devido à lesão de Torres joguei, na Tapadinha a marcar Ben David, então em grande forma. Desempenhei-me de tal forma da missão que passou a ser o meu lugar normal.

— Quem era o treinador da Académica, então?

— Tellechea. Foi ele realmente que me lançou como defesa central, o meu verdadeiro lugar.

— Actualmente é treinador-auxiliar...

— Sim, desde a saída do eng. Fernando Leite que fixou residência em Lisboa que tomei essa tarefa, sob a orientação do Mestre Cândido de Oliveira.

— Tarefa difícil?

— Não. Trata-se de uma pequena sobrecarga que não é difícil, dadas as características dos jogadores académicos: educação, camaradagem, nível mental.

— E gosta? Pretenderá seguir a carreira de treinador?

— Gosto, mas não é o meu fim. Por enquanto penso concluir o curso liceal, de que me faltam algumas cadeiras e entrar para a Universidade. Depois vejo...

— Mas... sendo moçambicano pensa regressar um dia à sua terra ou fixar residência na Metrópole?

— É possível que regresse a Lourenço Marques. Tudo pode acontecer, porém. A vida pode ser alterada por imponderáveis...

AS IDEIAS DE WILSON

— O Wilson já tem sido assediado para deixar Coimbra, não é verdade?

— Algumas sondagens, sim, que morreram à nascença. Uma, curiosa, partiu do brasileiro Nestor Pereira, que me falou em ir para o Santos F. C....

— Não aceitou porque...

— Nunca me entusiasmei a perspectiva de sair de Coimbra. Contraí responsabilidades, tenho mulher e três filhos e não posso comprometer o presente e o futuro por causa do futebol...

E observou:

— Além disso, e embora jogue na Académica, suponho estar preso ao Sporting. Não. Há coisas no futebol que não me seduzem...

— Disse que tinha três filhos. Costaria ou não que eles fossem jogadores de futebol?

— Só dois são rapazes. Um vai fazer quatro anos e o outro tem dez meses. São ainda muito pequeninos. Nunca lhes dei uma bola. Pela vida fora tenciono apenas recordar-lhes que o futebol cria ídolos e mata-os com a maior das facilidades e ingratidões.

— Mas não está arrependido por ter enveredado pelo futebol...

— Não disse isso. Todavia eu tenho procurado acautelar o meu futuro, estudando, quer dizer não pretendo ser unicamente um profissional de futebol...

E acrescentou:

— Aliás, não tenho razões para não estar satisfeito. Logo de vontade, criei através do futebol grandes amizades. Tive já o prazer de envergar a «camisola das quinas» (embora na selecção «B», na «A» fui apenas suplente contra a Alemanha). É certo que já sofri aborrecimentos. Uma operação ao menisco não é das coisas mais agradáveis. Mas a vida é plena de contingências.

Mário Wilson a propósito de aspirações como jogador terminou a entrevista com um conceito curioso sobre a sua própria personalidade.

— Com toda a sinceridade, sou capaz de preferir outro médio-centro, que não eu, para a selecção nacional. Mas não troco a minha maneira de jogar pelo estilo de qualquer.

MARTINHO ANDRADE DE OLIVEIRA

Naturalidade — Lisboa

Clube: Sporting

Estreia internacional: Em 1 de Abril de 1928, contra a Argentina, em Lisboa.

Internacionalizações: 6, contra Argentina, Itália (2), Espanha, França (2).

ARTUR DYSON

Naturalidade — Lisboa

Clubes: Benfica e Sporting

Estreia internacional: Em 31 de Maio de 1931, contra a Bélgica, em Lisboa (suplente utilizado).

Internacionalizações: 4, contra a Checoslováquia, Jugoslávia e Espanha (2).

ARMANDO DA SILVA MARTINS

Naturalidade — Setúbal

Clube: Vitória de Setúbal

Estreia internacional: Em 24 de Janeiro de 1926, contra a Checoslováquia, em Lisboa.

Internacionalizações: 11, contra a Checoslováquia, Espanha (2), França (2), Chile, Egipto e Bélgica (2). Golos: 3, contra Bélgica (2) e França.

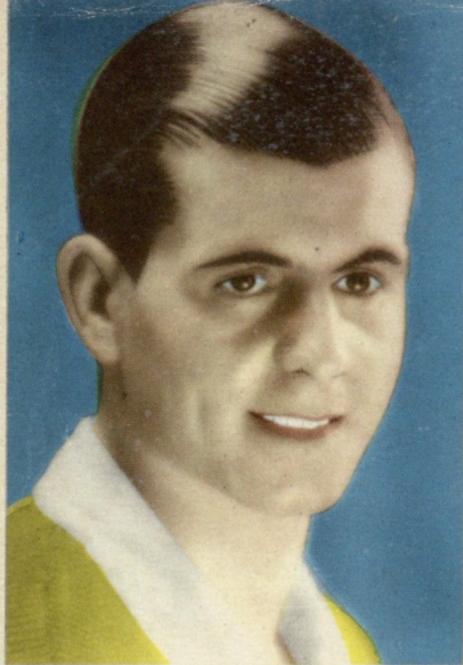
ALFREDO RAMOS

Naturalidade — Lagoa (Algarve)

Clube: Belenenses

Estreia internacional: Em 1 de Abril de 1928, em Lisboa, contra a Argentina (suplente utilizado).

Internacionalizações: 4, contra a Itália, Espanha, França e Argentina.



ARTUR DYSON



MARTINHO ANDRADE DE OLIVEIRA



ARMANDO DA SILVA MARTINS



ALFREDO RAMOS